

---

## DA DITADURA MILITAR À VILA CRUZEIRO A GUERRA COMO HERANÇA E A GUERRA COMO CENÁRIO

Gabriela Saboya

Orientador: Luis Camillo Osório

Por que comparar as duas ditaduras que assolaram o Brasil, a dos militares e a da violência nas favelas cariocas, mostrando que a atual é mais violenta e já provocou mais desaparecidos que a primeira. O jornal O Globo fez uma série de reportagens premiada sobre o assunto, o tema foi motivo de muita discussão política e sociológicas, mas como fica o teatro nesses locais? A época da ditadura militar foi um momento de grande efervescência cultural e de um teatro feito sob a pressão da censura. O teatro conheceu um esplendor que não resistiria à asfixia causada pela censura e pela repressão.

Em 2008 marca uma data importante: 40 anos do ano de 1968 e nesses 40 anos muita coisa mudou, mas estima-se que um milhão e meio de moradores de favelas do Rio ainda vivem uma ditadura e têm seus direitos fundamentais violados. Os números assustam: “Desaparecidos hoje ultrapassam sete mil, na ditadura militar, 136” (O Globo). Mas falar em ditadura é simplificar a questão. A violência hoje atinge um número muito maior de pessoas, principalmente, os pobres. Já a ditadura foi um movimento reconhecido por atingir a classe média.

Para combater a violência, desde os anos 90, têm surgido vários grupos e trabalhos oriundos de projetos sociais em locais de conflito como as favelas cariocas. Grupos como o *Nós do morro*, no Vidigal, que está completando 21 anos, o *Afroreggae*, de Vigário Geral, 15 anos e *Teatro de Laje* da Vila Cruzeiro, que existe a apenas 4 anos, objeto de meu estudo. Esses e outros trabalhos que nasceram como mecanismo de sociabilidade em áreas de conflito e pobreza, hoje já determinam uma estética de representação. O objetivo é pensar o espaço que a guerra ocupa e sua influência nesses espaços e como essa questão é levada para o teatro.

A ditadura dos anos 60/70 e a violência das favelas cariocas atualmente têm em comum que fizeram e fazem parte do cotidiano de uma sociedade e influenciaram o modo de viver e, em consequência, o modo de se expressar, fator de influência na representação. Independente das motivações da guerra: política, ideológica, econômica ou social, todas têm modificado a sociedade e a estética teatral. Por isso investigo a mudança na estética da representação a partir do desenvolvimento desses grupos de teatro oriundos de zonas de conflito. E como se a história do teatro ganhasse novos protagonistas, inclusive de diferentes classes sociais, e novas formas de contar história.

O objetivo é refletir sobre o teatro, não como objeto de uma ética, mas também como sujeito de uma estética. Perceber o teatro não apenas como veículo ou instrumento a serviço de uma moral, mas, sobretudo, como linguagem e representação adequada à livre expressão de quem vive em guerra.

A questão da representação é uma questão política. Rancière afirma: “a política, bem antes de ser o exercício ou luta pelo poder, é o recorte de um espaço específico de “ocupações comuns”; é o conflito para determinar os objetos que fazem ou não parte dessas ocupações, os sujeitos que participam ou não delas”. A busca de novas narrativas pelos atores oriundos das favelas cariocas vem da necessidade de pensar a história não como um monumento, mas a partir das micro histórias que modificam uma sociedade. E a tentativa de identificar o desejo daqueles atores, pois o desejo é a constituição da humanidade, ligado a sociabilidade.

O meu interesse na busca de novas narrativas é pelo conteúdo político destas, pois o que interessa na política não é o conteúdo que é dito, mas a produção do dizer. Tentar analisar o que é influenciado pelo conflito e pela memória de um local em conflito. Essa *nova narrativa* enfatiza não uma nova poética de saberes, mas uma *des-hierarquização* das formas de relato. A utilização do relato como criação de ficção. Michel Foucault rompe, assim, com a idéia de representação, tanto no plano teórico quanto no político, ao mostrar que não se deve falar em nome dos oprimidos, mas sim criar condições para que os dominados falem por conta própria.

#### BIBLIOGRAFIA

- ARENDETT Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- NEGRI, Antonio. *Multidão, guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- NETROVSKY, Arthur e Márcio Seligmann-Silva. *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- RANCIÈRE Jacques. *A partilha do Sensível*. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- COSTA, Maria Cristina Castilho. *Censura em Cena.: teatro e censura no Brasil* São Paulo: EDUSP: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.